

“Cumprindo no espaço a missão dos condores”¹: a Brigada de Infantaria Paraquedista e seu legado histórico

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Wagner Alcides de Souza ^b

Resumo: O paraquedismo militar foi uma das inovações doutrinárias introduzidas na Segunda Guerra Mundial. Embora tenha sido concebida no chamado período entreguerras, a atividade militar que envolve o lançamento de tropas a partir do ar para combater em terra foi instrumentalizada durante o conflito, no qual se desenvolveram importantes operações dessa natureza. Tempestivamente, o Brasil criou sua Escola de Paraquedistas em 1945, e iniciou a formação de sua força aeroterrestre. Ao longo dos anos, a força de paraquedistas do Exército Brasileiro evoluiu e foi ampliada, chegando à configuração atual: a Brigada de Infantaria Paraquedista. O presente artigo estuda a importância e o legado histórico da tropa paraquedista para a operacionalidade do Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Paraquedismo, combate aeroterrestre, História institucional.

PALAVRAS INICIAIS

O Exército Brasileiro (EB), a partir da administração do Marechal Hermes da Fonseca no Ministério da Guerra (1906-1910), procurou promover mudanças que viessem a modernizar sua organização, seus procedimentos e sua

doutrina militar. O marechal reorganizou a administração do Exército, realizou manobras militares e promoveu a ida de oficiais para estagiarem no exército da Alemanha. Esses oficiais, que ficaram conhecidos como “jovens turcos”², deram um maior dinamismo a essa busca por um exército mais opera-

a Coronel de Artilharia. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

b Tenente-coronel do Quadro Complementar de Oficiais.



cional e profissional. Por meio da revista *A Defesa Nacional*, idealizada e lançada por eles em outubro de 1913, debatiam a necessidade de o Brasil possuir uma tropa preparada para enfrentar as dificuldades que se apresentavam ao País no cenário político e militar do século XX que se iniciava.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ficou mais evidente a necessidade de o Brasil possuir um Exército preparado para o conflito que se apresentou, no qual os avanços tecnológicos e a importância de se ter uma tropa bem treinada eram de importância vital para a vitória no campo de batalha.

Em virtude dessa realidade, após o final da guerra, o Brasil contratou junto ao governo da França uma missão militar para modernizar o EB, a qual produziu transformações substanciais na organização, doutrina, ensino e forma de atuação do Exército. A nova política educacional introduzida pelos franceses era pautada na necessidade de se criar uma doutrina militar que se coadunasse com

as transformações na arte da guerra, permanecendo o EB sob a égide da influência francesa até a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Com a deflagração desse novo conflito e o conseqüente alinhamento do Brasil e de suas Forças Armadas com os Estados Unidos da América (EUA), a doutrina militar norte-americana surgiu como novo paradigma a ser seguido, trazendo importantes inovações. Uma delas, a atuação de tropas aeroterrestres, que combatiam a partir do céu, abriu novas possibilidades no campo de batalha e demonstrou ser decisiva na solução de conflitos bélicos. Atento à conjuntura internacional, o Brasil vislumbrou a necessidade de possuir uma força militar com tal característica, com o propósito de preparar seu Exército para atuar em conflitos futuros.

A ESCOLA DE PARAQUEDISTAS (1945-1952)

Com a possibilidade da participação do Brasil na Segunda



Guerra Mundial, os EUA se interessaram em estreitar os laços militares com o Brasil. Uma das medidas tomadas pelos norte-americanos foi favorecer a matrícula de militares brasileiros em seus cursos e programas de instrução. Nesse contexto, foi matriculado em 1944, na *Parachutist School*, em Fort Benning, Georgia, o Capitão Roberto de Pessôa. Havendo concluído o *airborne basic course* e os *Jump master, demolition and advanced training*, o Capitão De Pessôa tornou-se, o primeiro paraquedista militar brasileiro e tal circunstância pode ser considerada, simbolicamente, como originária da criação da tropa aeroterrestre, que veio a ser oficializada logo no ano seguinte, em 1945³. Sob a supervisão do Capitão De Pessôa, entre 1945 e 1948 foram formados, também nos EUA, mais 46 paraquedistas militares do nosso Exército⁴.

No contexto desse impulso inicial, o governo brasileiro criou, em 26 de dezembro de 1945, no âmbito do Ministério da Guerra, a Escola de Paraquedistas

O Presidente da República usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição,
DECRETA:

Art. 1º Fica criado no Ministério da Guerra a Escola de Paraquedistas, destinada à formação da tropa dessa especialidade.
[...]

Art. 2º Integrarão a Escola de Paraquedistas, além dos órgãos de administração constituídos por duas Companhias de tropa da Escola, um Corpo de alunos constituído por duas Companhias de Infantaria, uma Bateria de Artilharia, uma Seção de Engenharia e uma Companhia de Especialistas com pelotões de transmissões, distribuições e conservadores-artífices.⁵

Inicia-se assim, com essa estrutura, a Escola de Paraquedistas no Rio de Janeiro, que teve como seu primeiro comandante, nomeado em 17 de fevereiro de 1946, o Coronel Nestor Penha Brasil, que participou da Campanha da Itália pela Força Expedicionária Brasileira, e acabou por definir a localização da Escola em Deodoro, na Vila Militar⁶.



No dia 3 de janeiro de 1949, teve início o primeiro Curso Básico Paraquedista realizado no Brasil, ocasião na qual foram matriculados 17 oficiais e sargentos não paraquedistas, os militares que haviam realizado o curso nos EUA (a título de revalidação) e o comandante da escola, Coronel Penha Brasil⁷. Nesse mesmo ano também foi iniciada a formação dos mestres de salto.

No período de funcionamento da Escola de Paraquedistas, foram criados símbolos e insígnias próprias, visando ao fortalecimento do espírito de corpo da tropa aeroterrestre. O Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército, aprovado em 1951, efetivou os distintivos nos seguintes termos:

Art. 67. Os distintivos são os seguintes:

a) da Escola – um escudo azul celeste, tendo em primeiro plano, no centro, uma estrela de cor branca, e abaixo dela uma águia dourada, em voo descendente, com as garras abertas. No segundo plano um paraquedas branco. Esse distintivo é orlado de vermelho escuro

b) da tropa – um escudo orlado de vermelho escuro tendo no fundo azul celeste um paraquedas branco, encimando o número da unidade (estrela para as unidades da Escola) e as iniciais do estabelecimento ou unidade.

Art. 68. Os distintivos acima descritos são usados:

a) o da Escola – pela administração, instrutores, monitores e alunos, no terço superior da manga esquerda da túnica ou blusão, acima das divisas, quando for o caso;

b) o da tropa:

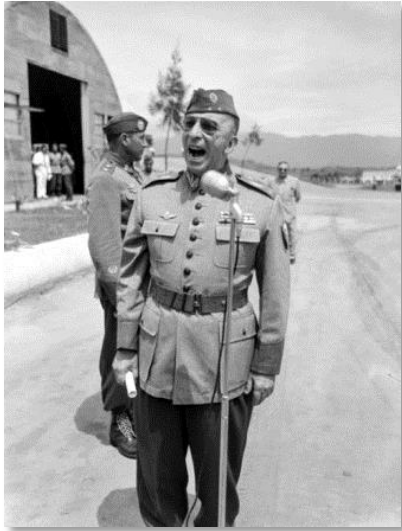
1 – pelos oficiais, aspirantes-a-oficial, subtenentes e sargentos – nas mesmas condições da letra a);

2 – pelos cabos e soldados – no lado esquerdo do gorro.⁸

Cabe ressaltar que, desde as primeiras turmas formadas, os paraquedistas receberam o brevê – as asas de prata – e foram autorizados a utilizar coturnos marrons, inspirados nos uniformes e símbolos existentes nas forças aeroterrestres dos EUA, diferenciando-os, pelo fardamento, das unidades regulares, e instituindo um forte e significativo valor simbólico.



Fig. 1 – Gen Nestor Penha Brasil, primeiro comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre



Fonte: Arquivo Nacional

Em 1951 funcionaram na escola os primeiros cursos de Precursor Paraquedista e de Dobragem de Paraquedas e Suprimento pelo Ar (DOMPSA)⁹. No ano seguinte, avançando no planejamento traçado pelo EB para possuir uma grande unidade aeroterrestre, a Escola de Paraquedistas foi transformada

no Núcleo da Divisão Aeroterrestre.

O NÚCLEO DA DIVISÃO AEROTERRESTRE (1952-1968)

A transformação em Núcleo da Divisão Aeroterrestre deu-se por intermédio do Decreto nº 31.393, de 5 de setembro de 1952¹⁰, dada a necessidade de se ter uma maior quantidade de militares qualificados como paraquedistas para que houvesse a expansão natural da tropa aeroterrestre.

O jornal *Correio da Manhã* publicou uma matéria justificando a decisão do EB em transformar a Escola de Paraquedistas em divisão pela necessidade de forma quadros habilitados para a atividade aeroterrestre

Dada a importância crescente do emprego de unidades aeroterrestres na guerra moderna, foi criada a Divisão Aeroterrestre. Como Grande Unidade do Exército de tempo de paz, que, embora constituída, ficou até



agora sem efetivo por falta de elementos especializados.

A atual Escola de Paraquedistas já especializou numerosos oficiais e contingentes de praças e graduados [...] que necessitava ser ampliado, determinado, assim, a constituição do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, com o aproveitamento daquela Escola e sua tropa (Grifo nosso)¹¹.

Pela época dessa primeira transformação, a tropa paraquedista já havia atingido um elevado patamar de profissionalismo que possibilitava o lançamento de expressiva quantidade de homens de uma só vez. Em 28 de novembro de 1952, o Núcleo da Divisão Aeroterrestre realizou um grande salto, contando com 400 paraquedistas na Zona de Lançamento de Gramacho, atividade que foi prestigiada pelo Presidente Getúlio Vargas e pelos ministros militares e que recebeu atenta cobertura da imprensa. O *Correio da Manhã* registrou o exercício

[...] realizou-se ontem a empolgante demonstração da Escola de Paraquedistas, sob o comando do Coronel Souza Pi-

nheiro, e pertencente ao Núcleo da Divisão Aeroterrestre, sob o comando do General Nestor Penha Brasil.

Cerca de 400 paraquedistas armados e equipados lançaram-se dos aviões sobre o campo de saltos de Gramacho. [...] A jornada nos campos de Gramacho revelaram, mais uma vez, o alto treinamento e a eficiência da Escola de Paraquedistas que já conquistou no Exército e no País um justo renome pelas demonstrações concretas de suas atividades.

Terminado o desfile, o presidente da República e altas autoridades presentes felicitaram o General Penha Brasil e o Coronel Pinheiro pelo sucesso alcançado¹².

Em fins de 1955, a atividade de paraquedismo militar completava dez anos no Brasil, oportunidade na qual foi realizada uma marcante cerimônia militar para marcar a data, que também foi objeto de reportagem da imprensa

Presentes várias autoridades civis e militares, o Núcleo da Divisão Aeroterrestre, com toda sua tropa formada e depois de várias demonstrações de exer-

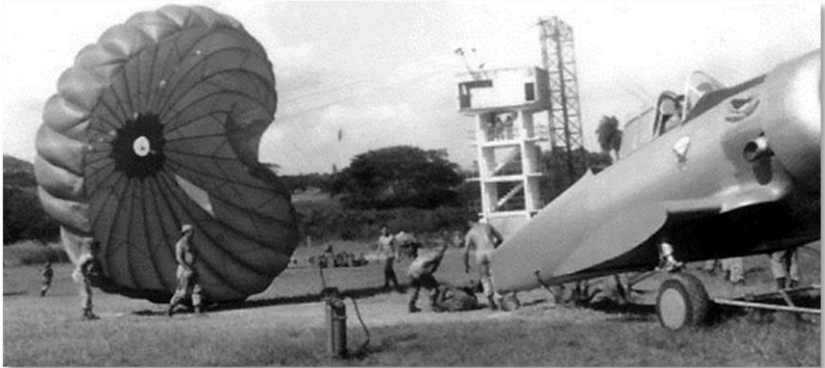


cícios de salto, aos pioneiros do paraquedismo ali reunidos, tendo à frente o tenente-coronel Roberto Pessoa [sic], e que há dez anos atrás [sic] realizava o primeiro salto em terras brasileiras¹³.

A mesma matéria jornalística destacou que, na cerimônia, o Ge-

Mesmo diante das dificuldades de obtenção de recursos, ocorreu um aumento substancial no número de militares que se tornaram paraquedistas entre 1953 e 1968. No período de existência do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, os cursos já funcionais foram con-

Fig. 2 – Instrução de paraquedismo no começo da década de 1950



Fonte: Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil

neral Djalma Dias Ribeiro¹⁴, comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, recebeu seu brevê de paraquedista militar, após haver concluído o curso básico, tornando-se o mais velho paraquedista militar em atividade no mundo, aos 58 anos de idade¹⁵.

solidados e outros novos incluídos. No ano de 1957, funcionou o primeiro Curso de Operações Especiais, durante o qual 16 militares realizaram o primeiro salto livre militar no Brasil, atividade que foi formalizada em 1962, com a criação do Estágio de Salto Livre¹⁶.



Fortalecendo ainda mais a mística aeroterrestre e o espírito de corpo da tropa, em setembro de 1964 foi adotada para os militares do Núcleo da Divisão Aeroterrestre a boina bordô, peça de fardamento que agregou importante valor simbólico para os paraquedistas, diferenciando-os dos demais soldados¹⁷.

Dentro do propósito de expansão para atingir o nível de divisão, a instalação das unidades do Núcleo da Divisão Aeroterrestre foi consolidada na Colina Longa, adjacente ao Regimento de Artilharia Antiaéreo, em Deodoro, na entrada da Vila Militar. Em 1961 foi criado o Regimento de Infantaria Aeroterrestre, subordinado ao Núcleo e denominado Regimento Santos Dumont¹⁸, mantendo a homenagem ao Pai da Aviação. Com a nova estrutura, o Batalhão de Infantaria Aeroterrestre, unidade que já existia, foi integrado ao regimento, passando a ser uma de suas unidades de manobra¹⁹.



Contudo, mesmo com o aumento do efetivo e o desenvolvimento de uma maior especialização de seus cursos, em 1969 o Núcleo da Divisão Aeroterrestre acabou por ser transformado em brigada, dentro de uma dinâmica mais adequada à realidade dos recursos nacionais disponíveis para a manutenção e emprego da tropa paraquedista.

A BRIGADA AEROTERRESTRE (1969-1971)

Em fins da década de 1960, a ambiciosa intenção do EB de constituir uma divisão aeroterrestre completa foi substituída pelo modelo mais exequível de manter apenas uma brigada da mesma natureza. Com efeito, em 7 de novembro de 1968, por intermédio do Decreto nº 63.573, o Núcleo da Divisão Aeroterrestre foi transformado em brigada, bem como suas unidades subordinadas, que, con-



sequentemente, também sofreram modificações.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 83, inciso II da Constituição e de conformidade com o disposto no art. 19 da Lei nº 2.851, de 25 de agosto de 1956,
DECRETA:

Art. 1º São transformados:

- o Núcleo da Divisão Aeroterrestre em Brigada Aeroterrestre;
- o Quartel-General do Núcleo da Divisão Aeroterrestre em Quartel-General da Brigada Aeroterrestre;
- a Companhia de Quartel-General do Núcleo da Divisão Aeroterrestre em Companhia do Quartel-General da Brigada Aeroterrestre, e
- o Regimento de Infantaria Aeroterrestre - Regimento Santos Dumont em 1º Batalhão de Infantaria Aeroterrestre - Batalhão Santos Dumont.

Art. 2º São criados:

- os 2º e 3º Batalhões de Infantaria Aeroterrestre;
- o Grupamento de Unidades de Apoio Aeroterrestre, e
- o Grupamento de Saúde Aeroterrestre.

Art. 3º - O Grupo de Obuses 105 Aeroterrestre passa a denominar-se 1º Grupo de Artilharia Aeroterrestre (1º GAAet) [...] ²⁰

A diminuição de um escalão – de divisão para brigada – não acarretou, na prática, qualquer prejuízo operacional, ao contrário, correspondia à realidade de meios da tropa aeroterrestre e acompanhava a tendência de muitos exércitos à época, que estruturaram suas forças de combate em brigadas.

O conceito “aeroterrestre”, herdado da experiência adquirida na Segunda Guerra Mundial, consistia em unidades com capacidade de serem lançadas de paraquedas (paraquedistas) associadas a outras que eram transportadas por via aérea (aerotransportadas), as quais somente entravam em combate após o pouso das aeronaves e o desembarque ²¹. Da mesma forma que houve a evolução de divisão para brigada, a disponibilidade de muitos paraquedistas qualificados e treinados, associada aos custos elevados para constituir uma ainda



inexistente força aerotransportada, levou o EB a abandonar os planos de possuir uma tropa tipicamente aeroterrestre e, em fins de 1971, a Brigada Aeroterrestre foi transformada em Brigada Paraquedista²².

A BRIGADA PARAQUEDISTA (1971-1985)

Consolidada e definida como uma grande unidade de paraquedistas, a brigada fortaleceu uma “cultura paraquedista” no período de comando do General Hugo Abreu, oficial de grande liderança e influência, que esteve à frente da tropa paraquedista por longo período, de janeiro de 1970 a março de 1974²³. Sob seu comando foram introduzidos ou fortalecidos valores simbólicos e imateriais, além de rituais próprios que contribuíram para o surgimento de uma mística específica. As cerimônias de “brevetamento” ao término dos diversos cursos ganharam contornos especiais e tornaram-se grandes eventos; os feitos coletivos da tropa e os individuais dos paraquedistas pas-

saram a ser valorizados e exaltados. Um museu começou a ser organizado²⁴ e o brado de guerra “Brasil acima de tudo!” se fortaleceu, a partir dos discursos que o comandante proferia para sua tropa. O general também buscou divulgar as atividades na imprensa, e por meio de demonstrações e atividades em espaços públicos. O *Diário de Notícias*, de 13 de setembro de 1973, por exemplo, registrou algumas das marcas alcançadas pela brigada, bem como alguns eventos públicos realizados.

A Brigada Paraquedista esteve em festa na manhã de ontem, com as comemorações de meio milhão de saltos já realizados por seus homens. [...]

Nas aeronaves que participaram dos saltos, viam-se escritas as legendas “Brasil acima de tudo” e “Santos Dumont 1873-1973” [...]²⁵

Tais intervenções de comando representaram um marco cultural na história da tropa paraquedista brasileira, emergindo, dessa época, muitos elementos da mística que



acompanha a brigada até os dias atuais.

A década de 1970, contudo, foi também um período desafiador para a grande unidade. À época, o Brasil enfrentava a radicalização de grupos de oposição ao governo vigente que conduziu muitas organizações ao terrorismo e à guerrilha, tanto rural como urbana. Nos primeiros anos da década, o serviço de informações do EB tomou conhecimento da instalação de um foco de guerrilha rural no Estado do Pará, na região do Araguaia, em uma remota área entre Marabá e Xambioá. Para esclarecer e confirmar a situação, em 1972 foi enviada para a região uma tropa de efetivo reduzido para confirmar os dados, o que foi realizado. No entanto, em um breve combate de encontro com os guerrilheiros, um cabo morreu em ação²⁶.

Esse evento marcou o início do envolvimento direto da Brigada Paraquedista no combate à guerrilha, iniciando com o desdobramento de equipes de forças especiais para resgatar o corpo do militar morto. A partir de outubro de 1972,

o EB desencadeou uma série de operações de informações e de combate, envolvendo militares do Centro de Informações do Exército e da Brigada Paraquedista para combater os guerrilheiros, incluindo as operações Sucuri e Marajoara. Caracterizadas por ações de pequenos destacamentos móveis de patrulha, compostos por forças especiais e paraquedistas apoiados por mateiros locais, as operações surtiram efeito, e, no princípio de 1974, o foco guerrilheiro foi dado como encerrado²⁷.

Além da vocação para o combate contra forças irregulares, na década de 1970 a Brigada Paraquedista não abriu mão de estar preparada para operações de assalto aeroterrestre convencionais. Nesse sentido, desenvolveu a Operação Saci, exercício de grande envergadura de periodicidade anual que assinalava o coroamento do ano de instrução. A primeira edição da Saci foi realizada em 1976, nas regiões de Macaé, Campos e Viana, envolvendo todos os meios da brigada e contando com o apoio da Força Aérea Brasileira²⁸. A partir



de então, a tradicional operação se repete anualmente, como forma de consolidar o adestramento e manter a prontidão operacional da Brigada Paraquedista.

A BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA (1985-ATUALIDADE)

Já distando quatro décadas da criação da Escola de paraquedistas, consolidada doutrinariamente, experimentada no combate contra-guerrilha e provida de uma mística própria, em 1985 a Brigada Paraquedista passou por nova evolução, tornando-se a Brigada de Infantaria Paraquedista. O Decreto nº 92.170 determinou a modificação

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe conferem o artigo 81, itens III e V, da Constituição e o artigo 46, do Decreto-lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967,
DECRETA,

Art. 1º - Ficam alteradas as denominações das Grandes Unidades e respectivos Comandos abaixo discriminados:

[...]

V - de Brigada Paraquedista para Brigada de Infantaria Paraquedista (Bda Inf Pqdt) e de Comando da Brigada Paraquedista para Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista.
[...]²⁹

A mudança pouco impactou na organização e estrutura da brigada, mas atendeu conceitualmente a modificações doutrinárias, visto que, no âmbito do EB, as brigadas passaram a ser definidas por suas capacidades como Armas (infantaria, cavalaria, mista etc.). Contudo, a fase da Brigada de Infantaria Paraquedista, iniciada em 1985, representou a maturidade da tropa paraquedista, que recebeu do EB elevada prioridade, tanto em pessoal como em material, e constituindo-se em tropa de pronto emprego e de alto grau de operacionalidade, integrante da Força de Ação Rápida Estratégica do Exército³⁰.



Nessa fase de sua história, a brigada teve a oportunidade de participar, tanto como tropa constituída como por meio da atuação descentralizada de seus integrantes,

distas reforçada, composta por 170 militares, com a missão de pacificar áreas rurais ainda conflagradas no país³¹.

Além dessa atuação como tro-

Fig. 3 – Tropas paraquedistas patrulhando uma comunidade durante a intervenção federal na segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, em 2018



Fonte: DefesaNet

de operações de paz sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU). Por ocasião da *United Nations Operation in Mozambique* (ONUMOZ), em 1994 a brigada desdobrou em Moçambique uma companhia de fuzileiros paraque-

pa constituída, integrantes da Brigada de Infantaria Paraquedista participaram de contingentes na *United Nations Angola Verification Mission III* (UNAVEM III), em Angola; na *International Force East Timor* (INTERFET), no Ti-



mor Leste, e na *Mission des Nations Unies pour la Stabilisation em Haiti* (MINUSTAH), no Haiti³².

Fruto do preparo diferenciado e das capacidades operacionais da brigada, a partir da década de 1990 a tropa paraquedista foi convocada para participar de diversas operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO)³³, atuando em operações de segurança de conferências com a presença de mandatários estrangeiros, garantia de votação em eleições, combate à criminalidade em apoio à segurança pública e nos grandes eventos ocorridos no País, estes já no século XXI.

Entre as operações de GLO que contaram com a participação da Brigada de Infantaria Paraquedista, merecem destaque a Rio-Eco 92 (1992), Operação Rio (1994), Operação Arcanjo (2010-2012), Rio +20 (2012), Copa das Confederações (2013), Jornada Mundial da Juventude (2013), Copa do Mundo FIFA (2014), Operação São Francisco (2014-2015), Jogos Olímpicos Rio 2016 (2016) e, finalmente, intervenção federal na

segurança pública no Estado do Rio de Janeiro (2018)³⁴.

Outra inovação verificada pela brigada nessa fase de sua história foi a brevetação das duas primeiras mulheres como paraquedistas militares, as tenentes Ivi Costa Rocha dos Santos e Paula Raquel da Silva Bittencourt, em 2006, 14 anos após o ingresso do segmento feminino nas fileiras do EB³⁵. A partir delas, dezenas de outras mulheres militares, entre oficiais e sargentos, concluíram o curso básico paraquedista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nascidas nas duras jornadas da Segunda Guerra Mundial, as tropas aeroterrestres e paraquedistas mostraram ser um importante recurso para definir a vitória nos campos de batalha. Impactado pelo alinhamento com os EUA no conflito, o Brasil visualizou a necessidade de possuir uma força com capacidade de envolver o inimigo a partir do céu, seja lançada, ou transportada por aeronaves. Da



experiência do Capitão Roberto de Pessôa nos EUA, surgiu a tropa paraquedista brasileira.

Desde a Escola de Paraquedistas de 1945 até a Brigada de Infantaria Paraquedista dos dias atuais, fica evidente a motivação, o profissionalismo e o preparo desses soldados diferenciados, que elevaram os padrões e as capacidades de combate do EB. Inicialmente constituída com caráter de improvisado, a tropa paraquedista brasileira se estabeleceu, profissionalizou, foi experimentada em combate contra forças irregulares, e participou de diversas operações de GLO e de missões de paz sob o mandato da ONU.

Até hoje, mais de 80 mil militares, homens e mulheres, passaram pelas fileiras da Brigada Paraquedista, fortalecendo sua mística e assegurando o cumprimento de difíceis missões, em qualquer parte do território nacional. Assim, a Brigada de Infantaria Paraquedista, tropa de elite de pronto emprego e de levado grau de operacionalidade, integrante da Força de Ação Rápida Estratégica do EB, transmi-

te seu legado através das gerações de paraquedistas, contribuindo decisivamente para a defesa da Pátria.

BIBLIOGRAFIA

A MULHER verde-oliva no céu do Brasil. *Revista Verde-Oliva*, Brasília, n. 187, p. 44-45, jan./fev./mar. 2006.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A participação do Brasil em Operações de Paz: passado, presente e futuro. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*, Copenhagen, v. 3, n. 2, p. 113-141, mar. 2015.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto-Lei nº 8.444, de 26 de dezembro de 1945. *Cria no Ministério da Guerra a Escola de Paraquedistas e dá outras providências*. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-8444-26-dezembro-1945-458483-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 16 mar. 2021.



BRASIL. Decreto nº 30.163, de 13 de novembro de 1951. *Aprova o Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército e dá outras providências.* Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/norma/452775/publicacao/15656362>>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRASIL. Decreto nº 31.393, de 5 de setembro de 1952. *Constitui, no Exército, com a atual Escola de Pára-quedistas e a sua tropa, o Núcleo da Divisão Aéreo-Terrestre.* Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-31393-5-setembro-1952-338338-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRASIL. Decreto nº 49.863, de 11 de janeiro de 1961. *Cria o Regimento de Infantaria Aeroterrestre, com sede em Deodoro - Rio Janeiro (Estado da Guanabara), subordinado ao Núcleo da Divisão Aeroterrestre.* Disponível em <<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/81241-cria-o-regimento-de-infantaria-aeroterrestre-com-sede-em-deodoro-rio-janeiro-estado-da-guanabara-subordinado-ao-nucleo-da-divisao-aeroterrestre.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRASIL. Decreto nº 63.573, de 7 de novembro de 1968. *Transforma, cria e muda a denominação de Organizações Militares e dá outras providências.* Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-63573-7-novembro-1968-405265-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRASIL. Decreto nº 92.170, de 18 de dezembro de 1985. *Dispõe sobre alteração de denominação de Grandes Unidades e seus respectivos Comandos, de subordinação da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, no Ministério do Exército, e dá outras providências.* Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-92170-18-dezembro-1985-442186-norma-pe.html>>. Acesso em 14 mar. 2021.

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Comandante.* Disponível em <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/antigos-comandantes.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Histórico.* Disponível em <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/>>



historico.html>. Acesso em 13 mar. 2021.

BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Memória histórica do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil*. Rio de Janeiro: Seção do Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista, 2016.

CENTRO DE INSTRUÇÃO PARAQUEDISTA GENERAL PENHA BRASIL. *Resumo histórico do CI Pqdt GPB*. Disponível em <<http://www.cipqdt.eb.mil.br/download/RESUMO%20HISTORICO%20ODO%20CI%20PQDT%20GPB.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.

DARÓZ, Carlos. *Intervenção: a reestruturação da segurança pública no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: GIF/BibliEx, 2019.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *C 20-1 Glossário de termos e expressões para uso no exército*. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2009.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Decreto Reservado nº 1, de 11 de novembro de 1971. Modifica a organização da Força Terrestre e dá outras providências. *Boletim Reservado do Exército nº 11*, de 30 de novembro de 1971.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Missões de paz – ONUMOZ*. Disponível em <www.eb.mil.br/onumoz>. Acesso em 19 mar. 21.

MINISTÉRIO DA DEFESA. *MD 33-M-10 Garantia da Lei e da Ordem*. Disponível em <www.defesa.gov.br/arquivos/File/doutrinamilitar/listadepublicacoesEMD/md33_m_10_glo_1_ed2013.pdf>. Acesso em 19 mar. 21.

STUDART, Hugo. *A Lei da selva: estratégia, imaginário e discurso dos militares sobre a Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.



¹ Trecho da canção “Eterno Herói”, de autoria do General Newton Lisboa Lemos.

² O apelido de “jovens turcos” foi inspirado nos oficiais turcos que haviam remodelado o Império Otomano após estagiarem na Alemanha. Ver McCANN, Frank. *Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro, 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras/Rio de Janeiro: BibliEx, 2009.

³ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Memória histórica do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil*. Rio de Janeiro: Seção do Arquivo Histórico da Brigada de Infantaria Paraquedista, 2016.

⁴ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Histórico*. Disponível em <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/historico.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

⁵ BRASIL. Decreto-Lei nº 8.444, de 26 de dezembro de 1945. *Cria no Ministério da Guerra a Escola de Paraquedistas e dá outras providências*. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-8444-26-dezembro-1945-458483-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 16 mar. 2021.

⁶ Mais tarde, no posto de general, Penha Brasil comandou o Núcleo da Divisão Aeroterrestre, por transformação da Escola de Paraquedistas, de 1952 a 1955. Ver BRIGADA DE IN-

FANTARIA PARAQUEDISTA. *Memória histórica do Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil*, op.cit.

⁷ CENTRO DE INSTRUÇÃO PARAQUEDISTA GENERAL PENHA BRASIL. *Resumo histórico do CI Pqdt GPB*. Disponível em <<http://www.cipqdt.eb.mil.br/download/RESUMO%20HISTORICO%20DO%20CI%20PQDT%20GPB.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.

⁸ BRASIL. Decreto nº 30.163, de 13 de novembro de 1951. *Aprova o Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército e dá outras providências*. Disponível em <<http://legis.senado.leg.br/norma/452775/publicacao/15656362>>. Acesso em 13 mar. 2021.

⁹ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Histórico*, op.cit.

¹⁰ BRASIL. Decreto nº 31.393, de 5 de setembro de 1952. *Constitui, no Exército, com a atual Escola de Paraquedistas e a sua tropa, o Núcleo da Divisão Aéreo-Terrestre*. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-31393-5-setembro-1952-338338-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

¹¹ CONSTITUIÇÃO do Núcleo da Divisão Aeroterrestre. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 set. 1952, p. 5.



¹² EMPOLGANTE demonstraco realizada em Gramacho por quatrocentos paraquedistas do Exército. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1952, p. 8.

¹³ COMEMORADO ontem o décimo aniversário da criao do paraquedismo militar no Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1955, p. 5

¹⁴ O General Djalma Dias Ribeiro foi o segundo comandante do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, no período de 11 de fevereiro de 1955 a 5 de março de 1958.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Memória histórica do Centro de Instruo Paraquedista General Penha Brasil*, op.cit.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ O Batalhão de Infantaria Aeroterrestre recebeu em 1956, no contexto das comemoraes do “Ano de Santos Dumont”, a denominao histórica de Batalhão Santos Dumont, em homenagem do EB ao Pai da Aviao. Na ocasião, além da denominao, foi inaugurado um busto do cientista brasileiro e pioneiro da aviao defronte o pavilhão do batalhão. Ver PARTICIPAO do Exército nas comemoraes do “Ano Santos Dumont”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1956, p. 4.

¹⁹ BRASIL. Decreto n 49.863, de 11 de janeiro de 1961. *Cria o Regimento*

de Infantaria Aeroterrestre, com sede em Deodoro - Rio Janeiro (Estado da Guanabara), subordinado ao Núcleo da Divisão Aeroterrestre. Disponível em

<<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/81241-cria-o-regimento-de-infantaria-aeroterrestre-com-sede-em-deodoro-rio-janeiro-estado-da-guanabara-subordinado-ao-nucleo-da-divisao-aeroterrestre.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

²⁰ BRASIL. Decreto n 63.573, de 7 de novembro de 1968. *Transforma, cria e muda a denominao de Organizaes Militares e dá outras providências*. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-63573-7-novembro-1968-405265-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 13 mar. 2021.

²¹ EXÉRCITO BRASILEIRO. *C 20-1 Glossário de termos e expressões para uso no exército*. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2009.

²² EXÉRCITO BRASILEIRO. Decreto Reservado n 1, de 11 de novembro de 1971. Modifica a organizao da Força Terrestre e dá outras providências. *Boletim Reservado do Exército n 11*, de 30 de novembro de 1971.

²³ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Comandante*. Disponível em <<http://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/anti>



gos-comandantes.html>. Acesso em 13 mar. 2021.

²⁴ PARAQUEDISTAS organizam museu. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1970, p.11.

²⁵ PARAQUEDISTAS. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 15.799, 13 set. 1970, p.19.

²⁶ O militar morto foi o Cabo Odílio Cruz Rosa, pertencente a uma unidade de Belém.

²⁷ Ver STUDART, Hugo. *A Lei da selva: estratégia, imaginário e discurso dos militares sobre a Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

²⁸ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Histórico*, op.cit.

²⁹ BRASIL. Decreto nº 92.170, de 18 de dezembro de 1985. *Dispõe sobre alteração de denominação de Grandes Unidades e seus respectivos Comandos, de subordinação da 17ª Brigada de Infantariade Selva, no Ministério do Exército, e dá outras providências*. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-92170-18-dezembro-1985-442186-norma-pe.html>>. Acesso em 14 mar. 2021.

³⁰ BRIGADA DE INFANTARIA PARAQUEDISTA. *Histórico*, op.cit.

³¹ EXÉRCITO BRASILEIRO. *Missões de paz – ONUMOZ*. Disponível em <www.eb.mil.br/onumoz>. Acesso em 19 mar. 21.

³² AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A participação do Brasil em Operações de Paz: passado, presente e futuro. *Brasiliiana – Journal for Brazilian Studies*, Copenhagen, v. 3, n. 2, p. 113-141, mar. 2015.

³³ Ver Art. 142 de BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988; e MINISTÉRIO DA DEFESA. *MD 33-M-10 Garantia da Lei e da Ordem*. Disponível em <www.defesa.gov.br/arquivos/File/doutrinamilitar/listadepublicacoesEMD/md33_m_10_glo_1_ed2013.pdf>. Acesso em 19 mar. 21.

³⁴ Ver DAROZ, Carlos. *Intervenção: a reestruturação da segurança pública no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: GIF/BibliEx, 2019.

³⁵ A MULHER verde-oliva no céu do Brasil. *Revista Verde-Oliva*, Brasília, n. 187, p. 44-45, jan./fev./mar. 2006.